



Testemunhas de Jeová no Brasil em paradoxos políticos: a religião é laço e extorsão?

Osorio Vieira Borges Junior¹

JUNIOR, O. V. B. **Testemunhas de Jeová no Brasil em paradoxos políticos: a religião é laço e extorsão?**

História Social, vol. 20, p. 01-22, e025011, 2025

Resumo: Este artigo explora os paradoxos políticos envolvendo as Testemunhas de Jeová no Brasil, destacando sua postura crítica em relação às religiões tradicionais e a tensão com o Estado. A crítica à religião institucionalizada, evidenciada pelo lema “A Religião é Laço e Extorsão”, refletia a tentativa de se posicionar como a única verdadeira forma de adoração, diferenciando-se das demais. Essa postura gerou conflitos com a Igreja Católica e o Estado, culminando em prisões durante uma marcha em 1939. A análise revela a complexa relação entre a rejeição das Testemunhas de Jeová à política e sua prática, questionando a definição de religião e explorando como o grupo se posiciona em um contexto de diversidade religiosa.

Palavras-chave: Testemunhas de Jeová. Igreja Católica. Conflito. Política. Religião.

¹ Doutorando em História pela Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas (Fafich) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Mestre em História pelo Instituto de História (Inhis) da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Contato: juniorvieira.osorio@gmail.com.

Jehovah's Witnesses in Brazil and Political Paradoxes: Is Religion a Snare and a Racket?

Osorio Vieira Borges Junior

Abstract: This article explores the political paradoxes involving Jehovah's Witnesses in Brazil, highlighting their critical stance towards traditional religions and the tension with the State. The critique of institutionalized religion, evidenced by the slogan "Religion is a Snare and a Racket," reflected their attempt to position themselves as the only true form of worship, differentiating themselves from others. This stance led to conflicts with the Catholic Church and the State, culminating in arrests during a march in 1939. The analysis reveals the complex relationship between Jehovah's Witnesses' rejection of politics and their practice, questioning the definition of religion and exploring how the group positions itself in a context of religious diversity.

Keywords: Jehovah's Witnesses. Catholic Church. conflict. Politics. Religion.

Introdução

As Testemunhas de Jeová são uma organização religiosa com origens norte-americanas; Charles Taze Russell (1852 - 1916) fundou a religião a partir da decepção em um Deus que condenava pessoas ao inferno de fogo. Para ele, se Deus usasse seu poder para destruir humanos, suas normas seriam inferiores às dos homens. Depois de ouvir um discurso motivador de Elder Jonas Wendell (1815 - 1873)² na Igreja Cristã do Advento, Russell

² Wendell foi um líder adventista do século XIX conhecido por sua dedicação ao estudo da cronologia bíblica (**Testemunhas de Jeová: Proclamadores do Reino de Deus**. Associação Torre de Vigia de Bíblias e Tratados. Cesário Lange, SP: Sociedade Torre de Vigia de Bíblias e Tratados, 1993, p. 42).

teria renovado sua fé e se reunido com alguns amigos para criar um grupo de estudos em 1870 dedicado a estudar a Bíblia. O propósito era buscar uma compreensão sagrada que diferisse daquela adotada pela Igreja Católica e pelas denominações reformadas.³

Além de Jonas Wendell, os estudiosos adventistas George Storrs (1796 - 1879) e Nelson Horatio Barbour (1824 - 1905) influenciaram a formação cristã de Russell. Russell chegou a compartilhar a edição da revista *Herald of the Morning* com Barbour. No entanto, a parceria terminou devido a discordâncias sobre a interpretação de certos trechos bíblicos.⁴ Após o rompimento, Russell começou a publicar a revista *Zion's Watch Tower and Herald of Christ's Presence*⁵ em 1879. Segundo Eduardo Góes de Castro “o movimento religioso conhecido por Testemunhas de Jeová se apresenta como uma religião cristã não-trinitária. Adoram exclusivamente a Jeová e se consideram seguidores de Jesus Cristo”⁶.

O final do século XIX, marcou a fundação das Testemunhas de Jeová. A sede da organização situava-se em Allegheny, Pensilvânia, EUA⁷. Em 1900, a primeira filial foi aberta na Inglaterra, dois anos mais tarde outra na Alemanha e depois na Austrália⁸. A obra das Testemunhas de Jeová se tornou mundial e seguia um padrão de expansão: dos grandes centros urbanos ao interior. Russell se encarregou ativamente na expansão das atividades missionárias pelo mundo; em 1911 e 1912, acompanhado de

³ *Idem*, p. 43.

⁴ *Idem*, p. 46-48.

⁵ A revista começou a ser o meio de divulgação mais eficiente das ideias de Russell e é publicada em tiragem mensal até os dias atuais pelas Testemunhas de Jeová. Números dessa revista são usados neste trabalho como fontes de pesquisa.

⁶ CASTRO, Eduardo Goes de. **A torre sob vigia: as Testemunhas de Jeová em São Paulo (1930-1954)**. 2007. Dissertação de Mestrado. Universidade de São Paulo (USP), p. 23.

⁷ DIAS, Clebson. **“Quão atemorizante é este lugar! Não é senão a casa de deus e este é o portão dos céus”: prolegômenos à hermenêutica do discurso religioso e do comportamento das testemunhas de Jeová na associação torre de vigia de bíblias e tratados** 131. Dissertação de Mestrado. Departamento de Ciência da Religião da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), São Paulo, 2016, p. 21.

⁸ **Testemunhas de Jeová: Proclamadores do Reino de Deus**. Associação Torre de Vigia de Bíblias e Tratados. Cesário Lange: Sociedade Torre de Vigia de Bíblias e Tratados, 1993, p. 210.

outras lideranças do grupo, fez uma expedição missionária passando por Singapura, Filipinas, China e Japão⁹ e costumava formar congregações¹⁰ em seus destinos.

É importante entender que o nome Testemunhas de Jeová passou a ser usado em 1931 depois de uma decisão do sucessor de C. T. Russell na presidência da organização religiosa. Russell não acreditava que o grupo devesse ter um nome, mas deveriam ser conhecidos apenas como Estudantes da Bíblia; mas depois de sua morte, os fiéis começaram a ser chamados russelitas e o novo presidente achou por bem designar um nome à religião para evitar o personalismo. Pensando na fluidez do texto e das ideias, adotaremos o nome Testemunhas de Jeová para fazer referência à organização religiosa mesmo quando eram conhecidos apenas como Estudantes da Bíblia ou russelitas, antes de 1931.

A organização baseia-se na interpretação literal da Bíblia, entendida como a única fonte autorizada de verdade divina. Seus dogmas centrais incluem a negação da trindade, a crença em Jeová como o único Deus verdadeiro, a rejeição da imortalidade da alma e do inferno como lugar de tormento eterno, e a expectativa escatológica da destruição iminente do sistema mundial atual no Armagedom, seguido pelo estabelecimento do Reino de Deus na Terra, governado por Cristo e pelos 144.000 ungidos.

O corpo doutrinário das Testemunhas de Jeová é altamente centralizado e está sob a responsabilidade exclusiva do Corpo Governante, sediado em *Warwick*, Nova York. Esse grupo restrito de homens, considerados a “classe do escravo fiel e discreto” com base em uma interpretação de Mateus 24:45-47, é responsável por interpretar as Escrituras para toda a comunidade mundial de fiéis. Suas decisões são veiculadas principalmente por meio das publicações da organização — como as revistas *A Sentinela* e *Despertai!* — e devem ser aceitas e obedecidas por todos os membros como orientação divina.

⁹ Zelo missionário - distintivo dos verdadeiros cristãos. **A Sentinela:** Anunciando o Reino de Jeová, Cesário Lange: Sociedade Torre de Vigia de Bíblias e Tratados, 1º março de 1982, p. 8-12.

¹⁰ Entende-se por congregação: um grupo local de Testemunhas de Jeová associado a uma de suas filiais nacionais.

A estrutura organizacional das Testemunhas de Jeová é rígida, piramidal e marcada por um sistema de autoridade eclesiástica que vai do Corpo Governante aos anciãos locais, passando por superintendentes regionais e congregacionais. A autoridade eclesiástica não se baseia em formação teológica, mas no grau de obediência, lealdade e experiência dentro da organização. Não há clero profissional, mas a liderança é exclusivamente masculina e marcada por forte disciplinamento interno. A organização exerce controle sobre aspectos da vida cotidiana dos membros, incluindo práticas médicas (como a recusa a transfusões de sangue), relações familiares e condutas morais, sendo que a desobediência pode levar à desassociação - uma forma de excomunhão acompanhada de ostracismo comunitário e familiar.

Na década de 1920, as atividades do grupo foram iniciadas no Brasil, mas foi na próxima década que o grupo se mostrou relevante ao Estado e a Igreja Católica, quando, por ocasião de uma marcha realizada pelos fiéis, em 1939, na Estação da Luz, em São Paulo resultou na prisão de um grupo de Testemunhas de Jeová.

Para aprofundar a análise da atuação das Testemunhas de Jeová e sua interação com o Estado Novo e a Igreja Católica, este artigo se baseia em uma variedade de fontes primárias e secundárias. As fontes primárias incluem prontuários de prisão do DEOPS/DOPS, que fornecem um olhar detalhado sobre a repressão enfrentada pelo grupo religioso e as razões políticas e sociais subjacentes a essas ações.

Além disso, publicações produzidas pelas Testemunhas de Jeová, como revistas e folhetos, oferecem uma perspectiva interna sobre a doutrina e as atividades do grupo durante o período em questão. Essas fontes são complementadas por documentos que contextualizam o impacto do movimento no cenário religioso e político brasileiro. A combinação dessas fontes permite uma compreensão da complexa relação entre as Testemunhas de Jeová, o governo de Vargas e a Igreja Católica durante a década de 1930.

A abordagem metodológica deste artigo é fundamentada na História Cultural das Religiões, uma vertente que permite uma análise mais aprofundada das interações entre as práticas religiosas e os contextos socioculturais em que estão inseridas, assim como propõe Antônio Benatte ao dizer que “a relação entre história, religião e cultura é hoje tão umbilical que dificilmente podemos imaginar a história religiosa abstraída do campo da história cultural”¹¹. Ao adotar essa abordagem, buscamos compreender como as Testemunhas de Jeová se inserem e são moldadas pelo cenário religioso e político brasileiro da década de 1930, já que ela permite explorar não apenas as doutrinas e práticas do grupo, mas também como essas se relacionam com as dinâmicas de poder e as influências externas, como a atuação do Estado Novo e a colaboração estratégica com a Igreja Católica.

A História Cultural das Religiões oferece um método histórico-comparativo, dependente das condições culturais, sociais e espaciais nas quais uma determinada experiência com o sagrado se manifesta, já que

toda religião é um produto histórico, culturalmente condicionado pelo contexto e, por sua vez, capaz de condicionar o próprio contexto em que opera: tal afirmação contém tanto o reconhecimento de uma dimensão comum, quanto o pressuposto que permite compreender as diferenças entre os sistemas religiosos tomados separadamente¹².

A definição de religião proposta a partir da História Cultural das Religiões rompe com qualquer tentativa de universalização abstrata dos fenômenos religiosos. Em vez de buscar uma essência imanente ou transcendental do religioso, ela parte do princípio de que as experiências com o sagrado são histórica e culturalmente situadas. Isso significa que toda forma religiosa, seus ritos, dogmas, símbolos, modos de pertencimento

¹¹ BENATTE, Antonio Paulo. A história cultural das religiões: contribuição a um debate historiográfico. **Missão e pregação: a comunicação religiosa entre a história da igreja e a história da religião**. São Paulo: Fap-Unifesp, 2014, p. 59.

¹² MASSENZIO, Marcello A **história das religiões na cultura moderna**. São Paulo: Hedra, 2005, p. 149.

e mesmo suas rupturas, nasce e se desenvolve dentro de um contexto social específico, atravessado por disputas de sentido, relações de poder e práticas culturais locais¹³. Não se trata, portanto, de perguntar “o que é” religião em termos metafísicos, mas “como” ela se produz, se transforma e atua em determinadas sociedades ao longo do tempo.

Nesse sentido, a religião é entendida não como um reflexo de uma verdade atemporal, mas como uma construção cultural carregada de historicidade, que tanto expressa quanto molda as condições materiais e simbólicas de sua época. A própria forma como o sagrado é reconhecido, nomeado e experienciado varia enormemente de cultura para cultura, e é justamente esse caráter plural e mutável que a História Cultural das Religiões busca evidenciar. Tal perspectiva possibilita, por exemplo, compreender por que determinadas práticas religiosas ganham legitimidade em um período e são perseguidas em outro, ou como certas doutrinas se adaptam, negociam ou resistem diante de mudanças sociais profundas¹⁴. A religião, nesse olhar, está sempre em relação com o tempo, com o espaço e com os sujeitos que a performam.

Por fim, ao assumir que a religião é capaz também de condicionar o próprio contexto em que se insere, a abordagem histórico-cultural reconhece sua agência como força ativa na conformação de mundos sociais. A religião não apenas reflete a cultura: ela a produz, tensiona e reconfigura¹⁵. Isso implica tomar os sistemas religiosos não como esferas isoladas, mas como atravessadas por relações políticas, estéticas, econômicas e afetivas, muitas vezes contraditórias. É por isso que a análise das religiões requer, mais do que categorias teológicas ou funcionalistas, um mergulho nas práticas, nos discursos, nos usos simbólicos e nas transformações internas

¹³ GASBARRO, Nicola. Missões: A civilização cristã em ação. In: MONTEIRO, Paula. **Deus na aldeia: missionários, índios e mediação cultural**. São Paulo: Ed. Globo, 2006.

¹⁴ AGNOLIN, Adone. **História das religiões: perspectiva histórico-comparativa**. São Paulo: Paulinas, 2019, p. 183-184.

¹⁵ BENATTE, Antonio. A História Cultural das Religiões: contribuições a um debate historiográfico. In: ALMEIDA, Néri de Barros; SILVA, Eliane Moura da. (Orgs). **Missão e Pregação: a comunicação religiosa entre a História da Igreja e a História das Religiões**. São Paulo: FAP-UNIFESP, 2014, p. 59-79.

que esses sistemas operam ao longo do tempo. A História Cultural das Religiões, assim, oferece um método atento tanto às continuidades quanto às rupturas, à memória como à reinvenção, às ortodoxias como às ortopráticas¹⁶.

Esse método se revela particularmente eficaz para examinar a construção de identidade religiosa das Testemunhas de Jeová e a forma como suas atividades e experiências foram moldadas por fatores externos. Através da análise das fontes primárias e secundárias, como prontuários de prisão e publicações do grupo, bem como da interpretação de documentos históricos e acadêmicos, conseguimos traçar uma visão abrangente das tensões e negociações entre o grupo e as autoridades da época. A perspectiva histórico-cultural nos oferece ferramentas para entender as práticas e as representações das Testemunhas de Jeová como respostas dinâmicas e adaptativas a um contexto político e religioso em constante mudança.

Uma contradição declarada ou aparente?

Tenho a honra de comunicar a V. S., para os devidos fins, que por estarem percorrendo as ruas da cidade, em propaganda religiosa, ostentando cartazes com os dizeres: “Fascismo ou Liberdade”, foram detidas as seguintes pessoas [...]¹⁷

Com essas palavras, o Delegado de Plantão, no dia 27 de agosto de 1939, Lutgardes Poggi de Figueiredo, comunicou ao Quinto Delegado Auxiliar da Delegacia de Ordem e Política e Social de São Paulo, a prisão de cerca de vinte Testemunhas de Jeová por participação numa marcha contra o fascismo nos arredores da Estação da Luz.

A ficha policial que registra a prisão das Testemunhas de Jeová durante essa marcha apenas diz que foram detidas “por estarem percorrendo

¹⁶ GASBARRO, Nicola. Missões: A civilização cristã em ação. In: MONTEIRO, Paula. **Deus na aldeia**: missionários, índios e mediação cultural. São Paulo: Ed. Globo, 2006.

¹⁷ Arquivo do Estado de São Paulo (APESP). Departamento Estadual de Ordem Política e Social de São Paulo (DEOPS/SP) Prontuários de prisão referente à marcha de 1939: 67080, 7278, 7282, 7283, 7284, 7286, 60201, 67146, 76557, 76554, 76559, 67187, 66945, 7277. DEOPS/SP, APESP.

as ruas da cidade, em propaganda religiosa, ostentando cartazes”¹⁸, mas não identifica as pessoas nesse evento como membros ativos das Testemunhas de Jeová, o que indica que quem fez a prisão, e mesmo o delegado responsável na ocasião, desconheciam a religião em questão, ou seja, a prisão não se deu porque eram de um credo específico, mas porque, foram identificadas como membros de um grupo religioso que fazia propaganda contra o fascismo, e portanto, adversário do Estado. Diante disso, é importante compreender que o Estado não mantinha neutralidade ou indiferença em relação aos grupos religiosos e suas posturas políticas. Ele estava pronto para reprimir qualquer movimento que se opusesse ao fascismo, especialmente os de natureza religiosa não católica.

De 1922 em diante, foram impressas e feitas circular publicamente duras verdades bíblicas que expunham a babilônica religião falsa, em especial as igrejas da cristandade. Viu-se a necessidade de inculcar na mente do purificado povo de Deus que a ruptura com todas as formas de religião falsa tinha de ser total. Assim, por anos, até mesmo o uso da palavra “religião” era evitado ao se falar da adoração pura. Lemas, tais como “A Religião é Laço e Extorsão”, eram conduzidos em marchas pelas ruas de cidades grandes.¹⁹

O cartaz com os dizeres “A Religião é Laço e Extorsão” foi utilizado durante a marcha realizada no Brasil, um fenômeno que se repetia em outros países sob a orientação da sede internacional das Testemunhas de Jeová em Nova York. Esse slogan revela uma crítica contundente à instituição religiosa de maneira geral, excluindo a própria organização das Testemunhas de Jeová dessa categorização. Esta postura reflete um protesto que destaca o desejo de universalização do grupo, posicionando-se

¹⁸ Prontuários: 67080, 7278, 7282, 7283, 7284, 7286, 60201, 67146, 76557, 76554, 76559, 67187, 66945, 7277. DEOPS/SP, APESP.

¹⁹ O rompimento com religião falsa. **A Sentinela**: Anunciando o Reino de Jeová, Cesário Lange, SP. 1 de dezembro de 1991, p. 14 - 15.

como uma entidade distinta e superior às demais formas de culto, que são rotuladas pelos fiéis como “adoração falsa”.²⁰

A utilização do termo religião de forma pejorativa por um grupo religioso em suas manifestações é um fenômeno digno de análise. As Testemunhas de Jeová não se percebem como uma religião no sentido tradicional, mas como a única verdadeira forma de adoração, distinguindo-se das demais práticas religiosas que consideram corrompidas. Este distanciamento é estratégico e simbólico, servindo para enfatizar a pureza e a exclusividade de suas crenças e práticas. Essa escolha não só reforça a identidade coletiva do grupo, mas também busca atrair novos membros que possam se identificar com sua mensagem de pureza e verdade espiritual em contraste com a corrupção percebida nas outras religiões.

Além disso, as ações da sede internacional em Nova York - como a concentração da produção das publicações distribuídas em todos os países nos quais atuava nas mãos da diretoria da organização - indica uma coordenação centralizada e um esforço consciente para manter a uniformidade das mensagens e das táticas utilizadas globalmente. É importante reafirmar que, não estamos partindo de uma perspectiva homogeneizadora das Testemunhas de Jeová, a centralização de orientações em Nova York, não exclui a criação de novas formas de uso e modos de fazer a religião por fiéis ao redor de mundo a partir de suas experiências, lembremos que “os cânones e dogmas não impossibilitam uma epiqueia pessoal”²¹. Porém, este controle centralizado ajuda a garantir que a mensagem permaneça consistente e que o movimento possa ser reconhecido internacionalmente como uma entidade coesa e singular. A frase “A Religião é Laço e Extorsão” não só fortalece a coesão interna do grupo, mas também serve como uma ferramenta de proselitismo, diferenciando-o de outras religiões e

²⁰ **Testemunhas de Jeová: Proclamadores do Reino de Deus.** Associação Torre de Vigia de Bíblias e Tratados. Cesário Lange, SP: Sociedade Torre de Vigia de Bíblias e Tratados, 1993, p. 10 - 13.

²¹ BENATTE, Antonio Paulo. A história cultural das religiões: contribuição a um debate historiográfico. **Missão e pregação: a comunicação religiosa entre a história da igreja e a história da religião.** São Paulo: Fap-Unifesp, 2014, p. 70.

destacando sua reivindicação de ser a única verdadeira forma de religião. Apesar disso, é importante entender que a tentativa de permanecer à margem de uma categorização religiosa não as coloca fora dela. As Testemunhas de Jeová são, de fato, uma religião.

Como já dito, até 1931, as Testemunhas de Jeová se recusavam em se identificar como uma religião formal.²² Após a morte de Russell, o segundo presidente da organização, Joseph F. Rutherford, enfrentou um dilema significativo. A ausência de um nome oficial para o grupo estava levando os membros a serem popularmente chamados de “russelitas”, uma referência ao seu fundador. Rutherford viu a necessidade de distanciar o movimento do personalismo associado ao nome de Russell e de estabelecer uma identidade própria e distinta.²³

Em 1931, Rutherford introduziu o nome Testemunhas de Jeová como uma estratégia para resolver esses problemas. Apesar desse fato simbólico ter contribuído para posicionar as Testemunhas de Jeová como uma religião de fato, ainda havia, no imaginário coletivo daqueles fiéis que eles estavam apartados de qualquer categorização religiosa, por serem, de alguma forma, exclusivos. Prova disso, é a escolha da frase para cartazes em marchas em diversos países: “A Religião é Laço e Extorsão”.

Diante disso, vale discutir a definição de religião, ou tentar fazer isso, dada a sua natureza subjetiva, em função de definir ou não se o grupo de fiéis que é objeto deste trabalho é uma religião. Essa não é uma tarefa fácil já que a religião “não possui um significado original ou absoluto que poderíamos reencontrar”²⁴. Ao mesmo tempo, Marcelo Massenzio sugere que, com os devidos cuidados, é possível e importante definir religião ao apontar que o conceito deve operar em um contexto caracterizado pela

²² **Testemunhas de Jeová: Proclamadores do Reino de Deus.** Associação Torre de Vigia de Bíblias e Tratados. Cesário Lange, SP: Sociedade Torre de Vigia de Bíblias e Tratados, 1993, p. 152 - 158.

²³ Idem.

²⁴ SILVA, Eliane Moura da. Religião: da fenomenologia à História. In: SILVA, Eliane Moura da; BELLOTTI, Karina Kosicki; CAMPOS, Leonildo Silveira (Org.). **Religião e Sociedade na América Latina.** São Bernardo do Campo: Editora Umesp, 2010. P. 11 - 15, p. 11.

pluralidade, ou seja, pela coexistência de múltiplos sistemas religiosos. Isso implica que nenhuma definição única e fixa pode abarcar completamente a diversidade das expressões religiosas. Cada sistema religioso tem suas próprias características, práticas, crenças e valores, que precisam ser reconhecidos e respeitados. Ele sugere que o conceito de religião não pode permanecer ancorado em um modelo específico. Isso significa que é inviável utilizar um único conjunto de critérios para definir o que é religião, pois isso excluiria muitas formas legítimas de expressão religiosa. Em vez disso, o conceito deve ser reformulado de maneira a ser suficientemente amplo e flexível para servir como uma chave de acesso a todos os sistemas religiosos.²⁵

Com base na ideia de que “toda religião é um produto histórico, culturalmente produzido pelo contexto”²⁶, é possível explorar diversas definições de religião que emergem desse entendimento. Historiadores que trabalham com a História Cultural das Religiões frequentemente se debruçam sobre a tarefa de definir religião. Apesar das diferenças, há similaridades nas abordagens adotadas. Uma definição particularmente útil para fins de análise é a de Antonio Benatte. Sua perspectiva amplia as fronteiras do conceito a um limite que valoriza a diversidade de experiências religiosas. Para o autor:

Religião pode ser compreendida como um sistema mais ou menos aberto de crenças e práticas transmitidas historicamente (tradições) e que orientam comportamentos, ações e relações de indivíduos e coletividades; ela compõe estilos de vida, modos de pensar, sentir e agir, de conhecer a vida, o mundo, a morte e o além.²⁷

²⁵ MASSENZIO, Marcello. **A história das religiões na cultura moderna**. São Paulo: Hedra, 2005, p. 148 - 149.

²⁶ Idem, p. 149.

²⁷ BENATTE, Antonio Paulo. A história cultural das religiões: contribuição a um debate historiográfico. **Missão e pregação: a comunicação religiosa entre a história da igreja e a história da religião**. São Paulo: Fap-Unifesp, 2014, p. 65.

Benatte argumenta que, longe de restringir a religião a um contexto específico, é preciso entender a religião como uma construção que abranja uma vasta gama de experiências humanas. Isso permite que diferentes formas de religiosidade sejam reconhecidas e valorizadas. Essa abordagem enfatiza a flexibilidade e a adaptabilidade das religiões, reconhecendo que elas podem se manifestar de maneiras muito diversas em diferentes contextos culturais e históricos.

Com isso, é possível entender que o grupo identificado, até 1931, como Estudantes da Bíblia, e após essa data como Testemunhas de Jeová, sempre foi uma religião desde a sua fundação, apesar do uso do cartaz “A Religião é Laço e Extorsão” sugerir o contrário. Consideremos os seguintes argumentos: (1) o grupo é um produto histórico e cultural já que surgiu no final do século XIX, refletindo um contexto histórico específico de renovação e busca por pureza espiritual dentro do cristianismo. O desenvolvimento desse grupo ao longo do tempo, incluindo a adoção do nome “Testemunhas de Jeová”, em 1931, sob a liderança de Joseph F. Rutherford, exemplifica a adaptação cultural, características quaisquer religiões;²⁸ (2) possuem, e já possuíam na década de 1930, um conjunto bem definido de crenças e práticas que as caracterizam como uma religião distinta. Elas acreditam na Bíblia como a palavra inspirada de Deus e seguem uma interpretação literalista das Escrituras. Sua doutrina inclui crenças específicas sobre o nome de Deus (Jeová), o Reino de Deus, e a iminência do Armagedom e da restauração do paraíso na Terra. Além disso, eles têm práticas religiosas exclusivas, como a rejeição da celebração de feriados e aniversários, a recusa de transfusões de sangue e a prática de evangelização de porta em porta;²⁹ (3) já era altamente centralizada, na década de 1930, o que reflete um sistema de governança teocrático, onde o Corpo Governante exerce autoridade sobre as doutrinas e práticas globais. Essa institucionalização é um traço comum das religiões estabelecidas, que

²⁸ **Testemunhas de Jeová: Proclamadores do Reino de Deus.** Associação Torre de Vigia de Bíblias e Tratados. Cesário Lange, SP: Sociedade Torre de Vigia de Bíblias e Tratados, 1993, p. 10 - 13, 155 - 156.

²⁹ Idem, p. 618 - 678.

têm sistemas organizados de liderança e administração;³⁰ (4) sua existência contribui, e já contribuía, na década de 1930, para a diversidade do panorama religioso global, uma vez que, estava presente em vários países e territórios, com publicações traduzidas em vários idiomas, demonstrando a capacidade de adaptação cultural. Esta diversidade é compatível com a definição de Benatte, que valoriza a pluralidade de experiências religiosas.³¹

Portanto, a utilização de cartazes que explicitam uma negação do grupo em se categorizar como religião, posicionando-se como juízes de outros grupos religiosos e atacando-os pelo fato de serem religiões, constitui um paradoxo. O paradoxo reside no fato de que, enquanto os cartazes criticavam outros grupos por serem religiões e associavam laço e extorsão a essa condição, as Testemunhas de Jeová também praticavam atividades claramente religiosas, colocando-se, assim, na mesma categoria que criticavam.

Nesse caso, o paradoxo é político e está presente no discurso utilizado pelos fiéis. Para Certeau “o discurso político não revela os cálculos de que resulta, mas os serve”³², ou seja, o discurso, nesse caso proferido por uma instituição religiosa, pode não ser transparente em relação às estratégias e motivações subjacentes que os originam. Em vez de expor os verdadeiros objetivos e interesses, esses discursos podem ser projetados para apoiar e promover esses objetivos de forma oculta. Sabendo que a utilização desses cartazes partiu de uma governança mundial, é possível imaginar que a frase “A Religião é Laço e Extorsão” foi pensada a partir da necessidade de garantir uma identidade coletiva e uma sensação de pertencimento e exclusividade a um grupo especial. A diretoria da Associação Torre de Vigia tinha ciência de sua classificação enquanto religião, a organização já tinha sido oficialmente registrada como uma religião anos antes, em 1884³³.

³⁰ Idem, p. 204 - 236.

³¹ Idem, p. 42 - 90.

³² CERTEAU, Michel de. **A Cultura no Plural**, tradução de Enid Abreu Dobransky, 7ª ed. Campinas, SP: Papius, 2012, p. 89.

³³ **Testemunhas de Jeová: Proclamadores do Reino de Deus**. Associação Torre de Vigia de

É interessante notar que, essa frase foi utilizada por mais de duas décadas em marchas e protestos em vários países desde 1922³⁴. No discurso religioso, e portanto político, “as ideologias repetem verdades que se tornam não críveis, mas que são sempre distribuídas pelas instituições que delas se beneficiam”³⁵, ou seja, as ideologias político-religiosas podem disseminar afirmações que, com o tempo, podem perder sua credibilidade, ou mesmo, a lógica. No entanto, o discurso pode continuar a ser proferido independente de sua veracidade, pois cumpre seu objetivo: mantém aqueles a quem é direcionado, engajados.

Este discurso é igualmente refletido na negação, por parte das Testemunhas de Jeová, da marcha como um ato político. Desde antes de 1939, ano do protesto, os fiéis, orientados pela diretoria da Associação Torre de Vigia, mantêm um distanciamento explícito de atividades claramente políticas³⁶. Isso inclui a abstenção de votações políticas, a recusa em se alistar no exército, mesmo diante de possíveis consequências negativas, e a não participação em quaisquer protestos, manifestações ou eventos similares que não sejam promovidos pela religião.³⁷

A orientação da Associação Torre de Vigia estabelece uma postura de neutralidade política entre seus membros. Esta neutralidade é uma marca distintiva da doutrina das Testemunhas de Jeová, que veem a política como uma esfera secular e, portanto, alheia aos objetivos espirituais

Bíblias e Tratados. Cesário Lange, SP: Sociedade Torre de Vigia de Bíblias e Tratados, 1993, p. 204 - 235.

³⁴ O rompimento com religião falsa. **A Sentinela**: Anunciando o Reino de Jeová, Cesário Lange, SP. 1 de dezembro de 1991, p. 14 - 15.

³⁵ CERTEAU, Michel de. **A Cultura no Plural**, tradução de Enid Abreu Dobransky, 7ª ed. Campinas, SP: Papirus, 2012, p. 89.

³⁶ BARRA, Suely Ribeiro. **O processo de transformação da identidade a partir da conversão a uma nova denominação religiosa: um estudo dos novos convertidos ao grupo religioso das Testemunhas de Jeová em Juiz de Fora** 31/07/2008 221 f. Mestrado em CIÊNCIA DA RELIGIÃO Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA, Juiz de Fora Biblioteca Depositária: Programa de Pós-graduação em Ciência da Religião/UFJF, p. 31 - 38.

³⁷ **Testemunhas de Jeová: Proclamadores do Reino de Deus**. Associação Torre de Vigia de Bíblias e Tratados. Cesário Lange, SP: Sociedade Torre de Vigia de Bíblias e Tratados, 1993, p. 618 - 678.

do grupo. A crença central é que o envolvimento em atividades políticas poderia comprometer a lealdade exclusiva ao Reino de Deus, conforme interpretado pelas suas crenças. A recusa em participar de atividades políticas é sustentada por uma interpretação literal de passagens bíblicas, que, segundo eles, orientam os fiéis a manterem-se “sem parte do mundo”. Esse princípio resulta em práticas como a objeção de consciência ao serviço militar e a rejeição de símbolos nacionais ou atos patrióticos, que são vistos como contrários à soberania divina.³⁸

Esta postura tem implicações profundas nas interações entre as Testemunhas de Jeová e o Estado. A neutralidade política, embora fundamentada em convicções religiosas, frequentemente coloca os membros do grupo em situações de conflito com as autoridades governamentais, especialmente em contextos de regimes autoritários ou durante períodos de intensa mobilização nacionalista, como já evidenciado neste trabalho. A marcha de 1939 na Estação da Luz é um exemplo emblemático dessa tensão. Embora os organizadores e participantes da marcha neguem seu caráter político, a ação foi interpretada pelo governo Vargas como uma afronta ao Estado, levando à proscrição das atividades do grupo no Brasil algum tempo depois.

Essa dualidade – entre a percepção interna de neutralidade e a interpretação externa de subversão – complexifica o entendimento das Testemunhas de Jeová e seus atos de resistência. A recusa em engajar-se em práticas políticas convencionais é vista, por eles, como uma expressão de fidelidade religiosa, enquanto, pelo Estado, pode ser considerada uma ameaça à ordem estabelecida. A prática de uma religião não desejar se aliar ao Estado é estranha à normalidade. Nesse sentido, vale rememorar Arendt, que ao refletir sobre a relação entre o Estado e a Igreja da Católica entendeu que “a Igreja precisa da política e, na verdade, tanto da política mundana dos poderes seculares como da própria política religiosa ligada ao âmbito eclesiástico, para poder manter-se e armar-se na terra e neste mundo do lado de cá — enquanto Igreja visível, ou seja, ao contrário da

³⁸ Idem.

invisível cuja existência apenas acreditada continuou sem ser molestada, em absoluto, pela política”³⁹, ou seja, enquanto instituição visível e física, precisa da política em dois níveis: a política secular (dos governos e estados) e a política interna (eclesiástica). Essa necessidade se dá para manter sua presença e influência no mundo material. Enquanto a política, por sua vez, necessita da Igreja não apenas como uma expressão de religião, mas como uma instituição concreta e visível, já que a presença física e institucional da Igreja ajuda a legitimar a autoridade política, dando-lhe um senso de propósito e razão elevada.

A complexa relação entre o Estado, a Igreja Católica e as Testemunhas de Jeová ilustra as nuances e as tensões inerentes às interações entre entidades religiosas e políticas. Utilizando a perspectiva de Hannah Arendt, particularmente sua observação de que “o que mudou com o despontar dos tempos modernos não foi uma modificação de função da coisa política; não é como se, de repente, à política fosse adjudicada uma nova dignidade própria só dela. O que mudou foram, pelo contrário, os âmbitos pelos quais a política parecia ser necessária”⁴⁰. Podemos explorar como essas dinâmicas se manifestam e evoluem. Historicamente, a Igreja Católica não se recusou a estabelecer alianças com o Estado, entendendo a política como uma ferramenta necessária para manter sua influência e autoridade. Essa relação simbiótica permitiu que a Igreja se sustentasse como uma instituição visível e poderosa, utilizando o apoio estatal para legitimar sua posição social e, reciprocamente, oferecendo ao Estado uma justificação moral e espiritual para seu poder. Por outro lado, as Testemunhas de Jeová adotam uma postura declaradamente apolítica. Elas acreditam que sua lealdade deve ser exclusivamente a Deus e ao seu reino, rejeitando qualquer forma de envolvimento político como uma expressão de sua fé.⁴¹ Essa

³⁹ ARENDT, Hannah. **O que é política?** Ursula Ludz (org.). Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002, p. 62.

⁴⁰ Idem.

⁴¹ **Testemunhas de Jeová: Proclamadores do Reino de Deus**. Associação Torre de Vigia de Bíblias e Tratados. Cesário Lange, SP: Sociedade Torre de Vigia de Bíblias e Tratados, 1993, p. 618 - 678.

negação das práticas políticas, não as isenta das consequências de viver em sociedades onde a política e a religião estão frequentemente interligadas, as prisões ocorridas durante o protesto aqui tratado é um exemplo disso.

Quanto a marcha, podemos elencar algumas questões que comprovam seu caráter político: (1) Certeau, ao refletir sobre as práticas cotidianas, compreendeu que até mesmo atos simples, como falar, andar e cozinhar, representam táticas, ou seja, formas de utilizar o espaço e seus elementos de maneira singular, distante de quaisquer demarcações impostas por terceiros.⁴² Se até mesmo a comunicação verbal pode ser considerada uma tática, e consequentemente um ato político, como podemos interpretar uma manifestação onde cartazes são erguidos em oposição à política do governo em questão? e (2) Arendt compreendeu que “a política trata da convivência entre diferentes”⁴³. Se tratando da convivência entre diferentes, é de esperar conflitos ideológicos, tentativas de repressão por parte de quem tem o poder para isso e manifestações contrárias a tentativas de homogeneização da sociedade por parte de quem é afetado com isso. Essa definição abarca o que aconteceu na marcha, um ato de dissidência, contrário, de fato, a uma convivência entre diferentes, marcada por manifestações contrárias.

A análise da postura das Testemunhas de Jeová frente à política revela não apenas suas táticas de sobrevivência e resistência, mas também as maneiras pelas quais a religião pode se tornar um espaço de contestação política, mesmo quando seus atores principais não reconhecem tal dimensão em suas ações.

Considerações Finais

A análise da marcha realizada pelas Testemunhas de Jeová em 1939, materializada na utilização de cartazes com as frases “Fascismo ou Liberdade” e “A Religião é Laço e Extorsão”, revela uma intrincada

⁴² CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 1998, p. 47.

⁴³ ARENDT, Hannah. **O que é política?** Ursula Ludz (org.). Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002, p. 17.

tensão entre as posições internas assumidas pela organização e as interpretações externas atribuídas ao grupo. Essa contradição aparente entre a autodefinição de neutralidade política e a prática explícita de uma manifestação que dialoga diretamente com as questões de poder e dominação estatal exige que se ultrapasse uma compreensão simplista ou binária da relação entre religião e política. Tal complexidade deve ser abordada a partir de uma perspectiva histórica e cultural, que reconheça o caráter situacional, simbólico e estratégico dos discursos e das ações das Testemunhas de Jeová, sem reduzir sua experiência à mera reação ou subversão política.

O paradoxo presente na negação da condição religiosa enquanto categoria tradicional, concomitante à realização de atividades claramente religiosas e de mobilização coletiva, indica um processo dialético entre identidade e alteridade que funda a experiência desse grupo. A rejeição do termo religião e a crítica veemente a todas as outras formas religiosas como laço e extorsão representam, em primeiro lugar, uma estratégia de diferenciação identitária, que busca estabelecer uma fronteira simbólica clara e a exclusividade da verdade espiritual. No entanto, essa negação performativa não apaga a historicidade da instituição, suas crenças, suas práticas rituais e sua organização teocrática, que se manifestam como elementos constitutivos de uma religião em sentido antropológico e sociológico, conforme destacado pela contribuição de Antonio Benatte.

Mais ainda, a centralização da produção discursiva e organizacional pela sede internacional em Nova York e a circulação global das mesmas mensagens demonstram uma forte coordenação que reforça a coesão interna do grupo e sua capacidade de atuar em diferentes contextos culturais, incorporando e negociando práticas locais sem perder sua identidade universal. Esse processo evidencia o papel da religião como agente ativo na construção e na transformação das relações sociais, culturais e políticas, o que ultrapassa a mera dimensão privada da fé, colocando-a no centro das disputas públicas e simbólicas, mesmo que os seus atores principais neguem esta dimensão explícita.

A postura de neutralidade política, que inclui a abstenção de votos, o não engajamento em exércitos e a rejeição de símbolos nacionais, deve ser compreendida não como ausência de política, mas como uma forma particular de tática política, que se manifesta na negativa de reconhecer a legitimidade dos regimes políticos vigentes. A neutralidade aqui é, paradoxalmente, um posicionamento político marcado pela dissidência, pela resistência silenciosa e pelo isolamento intencional. Tal posicionamento revela as tensões entre a soberania religiosa e a soberania estatal, que tornam a experiência das Testemunhas de Jeová uma lente privilegiada para refletir sobre os limites e as possibilidades da convivência entre diferentes projetos de mundo e formas de poder.

Esse entendimento é reforçado pelas contribuições teóricas de Michel de Certeau, que ressalta o caráter tático das práticas cotidianas e dos discursos como formas de subversão silenciosa, e de Hannah Arendt, que reconhece na política a esfera da pluralidade e do conflito, onde a convivência se dá necessariamente mediante a negociação de diferenças e o confronto de interesses. Assim, a marcha e o discurso das Testemunhas de Jeová não podem ser tratados como meros episódios isolados ou como manifestações simples de oposição, mas como expressões de uma política religiosa que, mesmo negada em sua forma explícita, é efetivamente praticada e que revela a complexidade da relação entre religião, poder e sociedade no contexto brasileiro e global da primeira metade do século XX.

Em síntese, a história e a atuação das Testemunhas de Jeová demonstram a necessidade de uma abordagem que articule as dimensões histórica, cultural, política e simbólica das religiões, afastando-se de categorias fixas e julgamentos normativos, para compreender as múltiplas formas pelas quais as religiões se manifestam, se transformam e impactam o mundo. A História Cultural das Religiões oferece os instrumentos metodológicos para essa análise, possibilitando reconhecer que as religiões não são apenas objetos passivos de influência social, mas agentes ativos na constituição das realidades sociais e políticas em que estão inseridas, mesmo quando negam, em seu discurso oficial, qualquer envolvimento político direto.

Referências

AGNOLIN, Adone. *História das religiões: perspectiva histórico-comparativa*. São Paulo: Paulinas, 2019.

ARENDT, Hannah. *O que é política?* Ursula Ludz (org.). Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

BARRA, Suely Ribeiro. *O processo de transformação da identidade a partir da conversão a uma nova denominação religiosa: um estudo dos novos convertidos ao grupo religioso das Testemunhas de Jeová em Juiz de Fora* 31/07/2008 221 f. Mestrado em CIÊNCIA DA RELIGIÃO Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA, Juiz de Fora Biblioteca Depositária: Programa de Pós-graduação em Ciência da Religião/UFJF.

BENATTE, Antonio Paulo. A história cultural das religiões: contribuição a um debate historiográfico. *Missão e pregação: a comunicação religiosa entre a história da igreja e a história da religião*. São Paulo: Fap-Unifesp, 2014.

CASTRO, Eduardo Goes de. *A torre sob vigia: as Testemunhas de Jeová em São Paulo (1930-1954)*. 2007. Dissertação de Mestrado. Universidade de São Paulo (USP).

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1998.

DIAS, CLEBERSON. *“Quão atemorizante é este lugar! Não é senão a casa de deus e este é o portão dos céus”: prolegômenos à hermenêutica do discurso religioso e do comportamento das testemunhas de Jeová na associação torre de vigia de bíblias e tratados* 18/05/2016 131 f. Mestrado em CIÊNCIA DA RELIGIÃO Instituição de Ensino: PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO, São Paulo Biblioteca Depositária: PUCSP.

GASBARRO, Nicola. Missões: A civilização cristã em ação. In: MONTEIRO, Paula. *Deus na aldeia: missionários, índios e mediação cultural*. São Paulo: Ed. Globo, 2006.

SILVA, Eliane Moura da. Religião: da fenomenologia à História. In: SILVA, Eliane Moura da; BELLOTTI, Karina Kosicki; CAMPOS, Leonildo Silveira (Org.). *Religião e Sociedade na América Latina*. São Bernardo do Campo: Editora Umesp, 2010.

CERTEAU, Michel de. *A Cultura no Plural*, tradução de Enid Abreu Dobransky, 7ª ed. Campinas, SP: Papirus, 2012.

MASSENZIO, Marcello *A história das religiões na cultura moderna*. São Paulo: Hedra, 2005.

Fontes

Arquivo do Estado de São Paulo (APESP). Departamento Estadual de Ordem Política e Social de São Paulo (DEOPS/SP) Prontuários de prisão referente à marcha de 1939: 67080, 7278, 7282, 7283, 7284, 7286, 60201, 67146, 76557, 76554, 76559, 67187, 66945, 7277. DEOPS/SP, APESP.

Testemunhas de Jeová: Proclamadores do Reino de Deus. Associação Torre de Vigia de Bíblias e Tratados. Cesário Lange, SP: Sociedade Torre de Vigia de Bíblias e Tratados, 1993.

O rompimento com religião falsa. *A Sentinela*: Anunciando o Reino de Jeová, Cesário Lange, SP. 1 de dezembro de 1991.

Zelo missionário - distintivo dos verdadeiros cristãos. *A Sentinela*: Anunciando o Reino de Jeová, Cesário Lange, SP. 1º março de 1982.

Recebido em: 24/07/2024

Aceito em: 27/11/2025